

Dr. Perry Phillips, Introdução à Geografia Histórica: Sessão 1, Terras Entre

Esta série de seis palestras sobre geografia histórica de Israel será apresentada pelos doutores Perry e Elaine Phillips, que lecionam há muitos anos no Jerusalem University College, no Monte Sião, em Jerusalém. O Dr. Perry Phillips fará a introdução da série com uma palestra sobre Israel como a terra entre dois mundos.

Meu nome é Perry Phillips. Estou ministrando um conjunto de cursos sobre geografia histórica. Este é o primeiro deles, "A Terra Entre", ou seja, a terra de Israel.

A terra de Israel é muito significativa nos estudos bíblicos, e nesta aula queremos discutir por que esse pequeno pedaço de terra, aproximadamente do tamanho de Vermont, é tão importante para a história bíblica. Já lecionei geografia histórica diversas vezes aqui no Gordon College e também na Universidade de Jerusalém, em Israel. Então, primeira aula: a terra entre Israel e a Terra de Israel.

Aqui está um mapa de Israel. Se você quiser compará-lo com algo nos Estados Unidos, ele tem aproximadamente o tamanho de Vermont ou talvez do tamanho de Nova Jersey, mais ou menos o mesmo tamanho. E uma pergunta que queremos fazer e responder nesta aula é por que Israel é tão importante.

Primeiramente, vamos contextualizar Israel no Oriente Médio. Mapa bem familiar, e estamos interessados nesta pequena porção de terra aqui. Como mencionei antes, é muito pequena em comparação com o resto do Oriente Médio.

Se você for da Grécia até a Arábia Saudita, depois subir até a Turquia e descer até o Egito, verá que Israel está, de certa forma, numa encruzilhada, e veremos como isso se desenrolará. Em primeiro lugar, a terra intermediária é a terra entre o mar e o deserto. Quando falamos de mar, estamos nos referindo ao Mar Mediterrâneo.

A oeste e a leste, temos o deserto da Arábia Saudita, que fica nesta região. Mas queremos fazer um contraste entre o que encontramos no mar e o que encontramos no deserto. Em primeiro lugar, pensamos no mar como algo fresco, com brisa e umidade, o que contrasta bastante com o deserto, que é quente, ventoso e árido.

E a junção desses diferentes tipos de corpos celestes, um quente e seco e o outro frio e úmido, vai gerar padrões climáticos muito interessantes na terra de Israel. Outro ponto que queremos abordar antes de entrarmos em mais detalhes é que Israel faz parte do Crescente Fértil. E o motivo pelo qual essa região é chamada de Crescente Fértil é que, se você observar as terras aráveis, ou seja, as terras onde as

peças podem praticar a agricultura, elas se assemelham um pouco a um crescente, um pouco como uma lua crescente, por assim dizer.

E o que descobrimos é que existem vários tipos de agricultura praticados nessa região. Primeiramente, se observarmos a região da Mesopotâmia, com os majestosos rios Tigre e Eufrates, veremos que a agricultura é praticada principalmente por meio de irrigação. Há alguma chuva na parte norte, mas a agricultura se desenvolve principalmente por meio de irrigação e canais de irrigação.

E o mesmo acontece no Egito, nesta região do Delta do Nilo. No entanto, entre esses dois extremos, nesta área de Israel, nesta região do Levante, que inclui não só Israel, mas também o que hoje seria o Líbano e a Síria, o que temos é chuva, não irrigação. E isso me faz lembrar um versículo interessante.

Deuteronômio capítulo 11, versículo 11, diz: "Terra de montes e vales que bebe a chuva do céu". E essa é a descrição que temos em Deuteronômio para a terra de Israel. Bem, a conjunção, como eu disse, entre a água fresca e úmida e o deserto quente e seco, resulta em padrões climáticos interessantes em Israel.

Primeiramente, vamos discutir o padrão diário de ventos. Normalmente, o que acontece é o seguinte: conforme o sol nasce e começa a aquecer a região, observa-se que o deserto aquece mais do que a água.

E, como resultado disso, o ar no deserto começa a subir. Bem, à medida que sobe, o ar precisa vir de algum lugar, e esse lugar de onde ele vem é o oceano. Então, de modo geral, em um dia normal, no início da manhã, tudo está relativamente calmo, mas, conforme o sol começa a aquecer a área desértica, uma brisa vinda do oceano começa a ocupar o lugar do ar que está subindo.

Então, se você estiver no litoral de Israel, por volta das 10 horas da noite, começa a sentir a brisa do mar. Qual a importância disso? A importância é que as coisas começam a esfriar. E assim, a região ao redor de Israel permanece fresca durante o dia por causa da brisa marítima.

E se você estiver no litoral, digamos em Tel Aviv, por volta das 10 horas, começará a sentir a brisa do mar. Se estiver em Jerusalém, que fica a uns 50 ou 65 quilômetros de distância, por volta do meio-dia, também começará a sentir a brisa do mar. E se estiver em Amã, na Transjordânia, sentirá a brisa do mar no final da tarde.

Mas a questão principal é que você começa a sentir um resfriamento durante o dia como resultado da ascensão do ar no deserto. No entanto, às vezes isso muda. E o que acontece é que o ar que vem do oceano é bloqueado, e você tem o que é conhecido em árabe como khamsin ou em hebraico como shurav.

Basicamente, o que acontece é que , como resultado desse bloqueio, em vez de entrar o ar fresco e agradável do oceano, do Mediterrâneo, entra o ar quente, seco e empoeirado do deserto. E é interessante observar em Jeremias, capítulo 4, como o Senhor usa o khamsin como uma indicação de como Ele lidará com os israelitas. Ele está falando dos babilônios que virão e tornarão a vida muito difícil para os israelitas.

E no capítulo 4 de Jeremias, estou analisando os versículos 11 e 12, e ele diz o seguinte: "Naquele tempo, será dito ao povo de Jerusalém: 'Um vento abrasador sopra dos altos estéreis do deserto contra o meu povo, mas não para joeirar ou purificar. Um vento...'" Forte demais para isso vir de mim. Agora, veja o que acontece durante o shurav .

Normalmente, o que as pessoas fazem é usar a brisa suave que vem do oceano para joeirar os grãos. Isso significa que a palha e o grão são lançados ao ar. Como a palha é muito mais leve que o grão, ela é levada pelo vento, e o que resta é o grão.

Outra coisa que as pessoas fazem, mesmo no Israel moderno, é pegar seus cobertores, colocá-los na varanda e bater neles para que a poeira se solte e o vento a leve embora. O problema, porém, é que com o khamsin, esse vento do deserto que sopra, ele é quente, empoeirado e forte; não se pode peneirar, não se pode usar o vento para purificar. E isso é um indicativo de como será a situação política em Israel quando os babilônios invadirem e atacarem o povo de Israel.

Então, este é o khamsin. Já estive em muitos khamsins. São lugares horríveis.

Às vezes, duram um ou dois dias. Uma vez, duraram cerca de duas semanas e, no final, por volta do terceiro dia, as pessoas ficam mal-humoradas, irritáveis, e é uma situação bastante desagradável. Felizmente, não duram muito mais do que isso.

Também temos padrões de chuva interessantes em Israel como resultado da geografia do país e da proximidade, mais uma vez, entre o deserto e o oceano. E eu gostaria de ler uma passagem de Deuteronômio, capítulo 11, que explica exatamente isso. Como mencionei em um slide anterior, Israel se diferencia das terras ao seu redor por depender da chuva e não da irrigação.

E o Senhor leva isso em consideração quando descreve a terra de Israel no capítulo 11 de Deuteronômio. Este é um capítulo muito importante, que vai preparar o terreno para o que diremos mais adiante. Portanto, quero ler a passagem inteira.

Novamente, em Deuteronômio, capítulo 11, versículos 8 a 17, o Senhor diz por meio de Moisés aos israelitas: "Portanto, obedçam a todos os mandamentos que hoje lhes dou, para que tenham força para entrar e tomar posse da terra que vocês estão atravessando o Jordão, para a qual estão indo tomar posse, e para que vivam

longamente na terra que o Senhor jurou dar aos seus antepassados e aos seus descendentes."

Uma terra onde mana leite e mel. Voltarei a isso daqui a pouco. Mas eis o aspecto essencial.

A terra que vocês estão entrando para tomar posse não é como a terra do Egito, de onde vieram, onde plantavam suas sementes e as irrigavam a pé, como uma horta. Mas a terra que vocês estão atravessando o Jordão para tomar posse é uma terra de montanhas e vales que bebe a chuva do céu. Permitam-me fazer uma pausa por um instante.

O que significaria regar os jardins no Egito? Bem, provavelmente se tratava de irrigação. Não era chuva. Portanto, a implicação aqui é possivelmente uma referência à roda d'água quando se fala em regar a terra com os pés.

Talvez seja uma roda d'água, como uma espécie de bicicleta, em que a pessoa se senta e a roda tem baldes que captam a água do canal de irrigação e a despejam na horta ou em qualquer outra área que queiram irrigar. Outra possibilidade é que, como o solo ao redor do Nilo, no Egito, é arenoso, o que o Senhor pode estar sugerindo seja cavar um pequeno canal com o pé e, depois de irrigar aquela área da horta, usar o pé para jogar terra nesse canal e cavar outro. A questão, porém, é que o terreno em que estão trabalhando é diferente.

A terra para onde eles estão indo é uma terra que vai beber a chuva do céu. Ela não depende de irrigação. Não depende da constância do Rio Nilo, que está sempre lá, que sempre fornece água.

E assim o Senhor continua, e diz o seguinte, começando no versículo 12: "Esta é uma terra pela qual o Senhor, teu Deus, cuida. Os olhos do Senhor, teu Deus, estão continuamente sobre ela, do princípio ao fim do ano."

Portanto, se vocês obedecerem fielmente aos mandamentos que hoje lhes dou, amando o Senhor, o seu Deus, e servindo-o de todo o coração e de toda a alma, então enviarei chuva sobre a sua terra no tempo certo, tanto as chuvas de outono como as de primavera. Essa é a tradução da Nova Versão Internacional. Literalmente, são as chuvas do outono e as chuvas da primavera.

Essas chuvas vêm no outono e na primavera. E ele diz: O Senhor enviará essas chuvas para que vocês possam colher seus grãos, vinho novo e azeite. Eu providenciarei pasto nos campos para o seu gado, e vocês comerão e ficarão satisfeitos.

Então ele continua dizendo: tenham cuidado, ou vocês serão tentados a se desviarem e adorarem outros deuses e se prostrarem diante deles. Então a ira do

Senhor se acenderá contra vocês, e ele fechará os céus para que não chova e a terra não produza frutos, e vocês logo perecerão na boa terra que o Senhor lhes dá. Entendem o que está acontecendo? O Senhor é quem controlará a chuva, e a forma como ela cairá dependerá da obediência do povo.

Bem, chuva, sim, mas também temos orvalho. O orvalho acaba sendo um aspecto importante na irrigação de algumas plantas em Israel. Ele se forma quando as brisas frescas e úmidas vindas do oceano chegam e, à noite, a água dessas brisas se condensa e forma o orvalho no solo.

E isso se torna um aspecto importante também na irrigação de Israel. Encontramos ainda algumas analogias espirituais nas Escrituras que tratam do padrão de chuva e do orvalho. Por exemplo, em Provérbios 19, fala-se de um rei, e diz-se que a ira do rei é como o rugido de um leão, mas o seu favor é como o orvalho sobre a relva.

E em Amós capítulo 1 versículo 2, Amós diz que o Senhor troveja desde Sião e a erva do monte Carmelo seca. Como vocês verão em instantes, a erva do monte Carmelo dificilmente seca, pois sempre há orvalho e chuva abundante naquela região. O que quero dizer é que existem padrões climáticos interessantes que ocorrem em Israel, e o Senhor direciona esses padrões climáticos com base na obediência do povo que ali vive.

Esse é o ponto principal do capítulo 11 de Deuteronômio. Bem, eu mencionei algo sobre a chuva. Deixe-me falar um pouco mais sobre isso.

Aqui está um mapa de precipitação que temos, e a precipitação média em Boston, para comparação, é de 42 polegadas por ano. Novamente, essa é a média. Algumas coisas para observar neste mapa.

Primeiramente, se você for para a parte norte do país, aqui na região do Monte Hermon, aqui está o Monte Carmelo, e Jerusalém fica bem aqui perto, para referência. Se você quiser ter uma ideia da latitude, Jerusalém está praticamente na mesma latitude que Atlanta, Geórgia, aqui nos Estados Unidos.

Mas mesmo nessa região mais alta, a região norte de Israel, perto do Monte Hermon, a precipitação lá é de apenas cerca de 63 centímetros. Então, mesmo nessa área, o que se vê é que a precipitação é menor do que a que temos em Boston. Se você for para a parte sul, para Berseba, e o que estou fazendo é basicamente ir de Dã a Berseba, que são os pontos extremos do que as escrituras geralmente descrevem como a terra de Israel, o norte e o sul.

Lá em Beersheba, é uma sorte se chover 20 centímetros por ano. 20 centímetros é basicamente o ponto de inflexão. Com 20 centímetros ou mais, é possível ter uma agricultura razoável; com 20 centímetros ou menos, a situação muda.

Descobrimos que a agricultura é bastante difícil . Mas esses são os extremos. Uma das áreas que queremos analisar é Jerusalém, e Jerusalém recebe apenas cerca de 56 centímetros de chuva por ano.

Nada mal, e fornece bastante água para a agricultura. Aqui no Monte Carmelo, que mencionei em relação ao capítulo 1 de Amós, o Monte Carmelo é um pico que se projeta para o Mediterrâneo, e lá também recebemos cerca de 50 centímetros de chuva. Agora, uma das áreas em Israel é o Vale do Rift, ou Vale do Jordão, onde fica o Mar Morto.

E se você der uma olhada em Jericó, que fica ao norte do Mar Morto, verá que lá chove cerca de 12 centímetros por ano. Quase não chove por lá. Tenho uma história engraçada que me aconteceu um inverno.

Era um dia meio chuvoso, e eu estava tentando mostrar às pessoas alguns pontos turísticos da região montanhosa, mas estava chovendo muito. Então eu disse: "Olha, vamos esquecer isso. Vamos descer até Jericó."

Vamos descer até o Vale do Jordão e passar um tempo lá, porque nunca chove por lá. Chegamos a Jericó e, quando estávamos prestes a sair do ônibus, tivemos uma das tempestades mais fortes que já vi na vida. Nem preciso dizer que, pelo resto da viagem, não parei de ouvir falar disso.

Ei, Perry, chove em Jericó alguma vez? O interessante é que, depois, surgiu um dos arco-íris mais lindos que já vi na vida. E, claro, isso nos lembra do que o Senhor disse a Noé depois do dilúvio, que ele veria o arco-íris e se lembraria da sua aliança com toda a criação, de nunca mais enviar um dilúvio. Enfim, esse é o Vale do Jordão.

E se atravessarmos o Vale do Jordão mais para o leste, e o que é a Jordânia hoje? Estas são as montanhas da Transjordânia. Podemos ter chuvas de até 760 mm (30 polegadas) ou mais. Então você vai notar algo geral sobre a precipitação em Israel.

Quanto mais ao norte e mais perto da costa você for, mais chuva terá. Quanto mais ao sul e mais a leste você for, menos chuva terá, exceto em áreas de maior altitude. Portanto, se você tiver uma área elevada, mesmo que esteja a leste, como nesta região da Jordânia, ainda poderá ter uma quantidade razoável de chuva.

De forma geral, indo para o norte, para o oeste e subindo em altitude, você encontrará bastante chuva. Se você for para o leste e para o sul e descer em altitude, em direção ao Mar Morto, por exemplo, bem, em algumas áreas, você terá sorte se chover cinco centímetros por ano. Esse é o padrão geral de chuvas em Israel.

Bem, mencionei o que está acontecendo em termos climáticos, por assim dizer. Também existem várias situações políticas que surgem a partir de pessoas que vêm do oceano, do Mar da Galileia, ou do deserto. Então, aqui estão alguns exemplos da política marítima.

Essas são pessoas que vieram do mar e conquistaram a terra. Os fenícios se estabeleceram principalmente no que hoje é o Líbano. Grandes marinheiros.

Mais tarde, filisteus, possivelmente vindos de algumas ilhas gregas ou da própria Grécia, chegaram e se estabeleceram ao longo da costa de Israel. De fato, foram os filisteus que deram o nome ao lugar que hoje conhecemos como Palestina. Os gregos também chegaram, especialmente com Alexandre, o Grande.

Os romanos, liderados por Pompeu em 63 a.C., chegaram e conquistaram a região. E, de fato, vemos no Novo Testamento que foram os romanos que realmente governaram a terra de Israel naquela época. Mais tarde, os cruzados chegaram em sua tentativa de retomar a Terra Santa das conquistas muçulmanas.

Os ingleses estavam lá. O general Allenby conquistou o território dos turcos em 1917, e ele se tornou um mandato britânico. Os franceses estiveram lá um pouco antes, sob o comando de Napoleão.

E os alemães durante as guerras. E, por fim, alguns diriam até mesmo os israelenses, muitos dos quais vieram do Ocidente. Eles trazem sua própria cultura, sua própria política, e essa é a influência política que Israel tem vinda do mar.

Bem, o que podemos dizer sobre algumas das características do que poderíamos chamar de povo do mar? Mais cosmopolitas, mais progressistas, talvez um pouco mais liberais, se usarmos um termo moderno para descrevê-los. Aqui estão alguns exemplos do que está acontecendo onde pessoas do mar estão governando Israel. Temos uma história muito interessante.

Deixa eu explicar. Sansão vai se casar com uma filisteia. Isso não dá muito certo.

Mas depois, se ele a abandona, ele vai buscá-la de volta. Descobre que ela está casada com outro. Então, o que ele faz é pegar várias raposas, amarrar seus rabos, colocar uma tocha em seus rabos e soltá-las correndo pelo campo para incendiar as plantações dos filisteus.

Os filisteus não ficaram nada contentes com isso. Sansão foi para um lugar em Judá para escapar dos filisteus. E os filisteus vieram até o povo de Judá e disseram: "Queremos Sansão."

Então eles foram buscar Sansão para entregá-lo aos filisteus. E aqui está o versículo essencial. Trata-se de Juízes, capítulo 15, versículos 9 a 11.

Eles chegam até Sansão e lhe dizem: "Sansão, você não sabe que são os filisteus que nos dominam?" Então, aqui temos povos vindos do mar que estão dominando os israelitas. Acontece que Sansão consegue escapar agarrando uma queixada de jumento e matando os filisteus que vêm capturá-lo. Em 1 Samuel, capítulo 13, temos novamente um conflito entre os filisteus e os israelitas.

Parte do problema era que os filisteus tinham a habilidade de trabalhar com ferro, enquanto os israelitas não. Por isso, a metalurgia do ferro era tão desejada pelos filisteus que eles não permitiam que os israelitas tivessem sequer ferramentas de ferro.

E se eles tivessem ferramentas, os israelitas teriam que descer até os filisteus para que as ferramentas fossem afiadas. Só para constar, Davi, como você deve se lembrar, passou algum tempo com os filisteus. E pode ser que o próprio Davi tenha aprendido metalurgia do ferro e trabalhado com ferro, trazendo esse conhecimento de volta para Israel, porque certamente mais tarde Israel também teve acesso ao ferro.

Em João capítulo 11, os fariseus e os saduceus discutem sobre o que fazer a respeito de Jesus, pois sentem que ele está colocando a nação de Israel em perigo com suas exclamações e ensinamentos. Lemos que o sumo sacerdote, nesse momento, diz: "Vocês não sabem que, se não fizermos nada a respeito de Jesus, os romanos virão e tomarão nossas terras?". E, finalmente, em Atos capítulo 11, vemos novamente o controle que os romanos exerciam sobre a terra de Israel.

Cornélio está em Cesareia, e essa é a história que se segue à ida de Pedro a Cesareia para pregar o evangelho a Cornélio. Então, qual é a questão aqui? A questão é que, assim como o mar pode dominar o clima na terra de Israel, os povos que vêm do mar, os povos do mar, como os chamei, também dominam a terra. Bem, se há domínio do mar, provavelmente também há domínio do deserto.

E lemos sobre vários povos do deserto que também pressionaram Israel e, por vezes, conquistaram Israel. Então, falando da política do deserto, lemos sobre os moabitas da terra de Moabe. Lembrem-se, Moabe era um dos filhos de Ló.

Lemos sobre os edomitas, descendentes de Ismael, um dos filhos de Isaque. Temos também os amonitas, filhos de Ló. E os amalequitas, que viviam na região sul de Israel, no deserto, e que por vezes realizavam incursões contra Israel.

Quenitas, midianitas, amonitas e, claro, não podemos esquecer os termititas, que também viviam lá. Então, de qualquer forma, essa é a política do deserto, e como

vamos caracterizar esses povos? Como vamos caracterizar os habitantes do deserto? Mais provincianos, não digo isso de forma pejorativa, mas mais provincianos, um tanto mais atrasados, um pouco mais conservadores; talvez possamos dizer que são aqueles que preservam os costumes ou as tradições dos ancestrais. E temos mais exemplos disso também.

Em Juízes, capítulo 6, lemos sobre os midianitas que chegam como uma nuvem de gafanhotos e devoram tudo em Israel. De fato, eles parecem controlar Israel desde o Vale do Jordão até a costa, chegando a Gaza. E em 2 Crônicas, capítulo 20, durante o reinado do bom rei Josafá, encontramos povos do deserto se unindo contra Israel e tentando realizar um ataque surpresa a Jerusalém.

Então, é aqui que o deserto influencia Israel politicamente. O que você tem nesta terra de Israel é esse padrão climático único, e também os povos que vêm do deserto ou do oceano, e esse conflito constante em Israel, resultante dessas interações políticas e físicas, persiste. Mas isso não é tudo.

Existem outros inimigos de Israel mais distantes, potências internacionais. Observe o mapa e veja bem o centro, onde Israel está localizado. Perceba como ele serve de rota entre as nações, uma passagem entre várias potências ao norte e ao sul, ao leste e ao oeste.

Aqui, você tem o Egito. O Egito sempre teve grande influência sobre a terra de Israel. E ao norte, nesta região da Mesopotâmia, você tem várias nações que exerceram grande pressão sobre Israel.

A Assíria no norte da Mesopotâmia, mas também a Babilônia no sul da Mesopotâmia, na região do Iraque. E ainda mais a leste, o Império Medo-Persa, que hoje corresponderia ao território do Irã. E a oeste, temos a Grécia, já mencionada, com povos originários da Grécia, sendo Alexandre, o Grande, o mais importante deles.

E então, ainda mais a oeste, tínhamos Roma, que chegou e influenciou a terra de Israel. Curiosamente, Roma influenciou Israel politicamente, mas lembre-se, Paulo levou o evangelho a Roma, e também houve influência inversa. Observe como Israel está bem no centro de todas essas potências, todas essas potências internacionais.

E ainda hoje, essa é a situação. Temos Israel no meio de uma enorme variedade de nações islâmicas, da Turquia ao norte, ao Egito ao sul e a oeste. Temos a Jordânia, o Iraque e o Irã a leste.

E mesmo hoje, politicamente, você vê que Israel é a terra intermediária, não apenas entre o mar e o deserto, mas também entre as grandes maiorias muçulmanas que cercam Israel. Curiosamente, Deus usa inimigos internacionais para castigar Israel,

assim como inimigos locais, como discutimos anteriormente. Em 2 Crônicas, capítulo 12, após a morte de Salomão, Roboão, seu filho, torna-se rei.

Roboão foi grandioso por cerca de quatro anos, mas depois tornou-se muito orgulhoso. E para puni-lo, para discipliná-lo e à nação, o Senhor enviou Sisaque, rei ou faraó do Egito, para atacar a terra de Israel a ponto de conquistar Jerusalém. Isso nos é relatado em 2 Crônicas, capítulo 12.

Mas outras nações também vêm como punição contra Israel. Em 2 Reis, capítulo 17, vemos sobre os assírios que invadem e destroem o reino do norte. E 2 Reis, capítulo 17, explica o motivo: a infidelidade do povo.

E, claro, há a Babilônia que invade e aniquila o reino do sul. E podemos ler sobre isso nestas passagens. Jeremias, que chama a atenção para isso no capítulo 5, e depois o capítulo muito, muito triste em 2 Crônicas, capítulo 36, que discute a queda de Jerusalém para Nabucodonosor.

A Pérsia é a nação que influencia Israel na época de Esdras e Neemias. Depois temos a Grécia, presente durante o período intertestamentário. E, finalmente, Roma, como já mencionamos, durante o período do Novo Testamento.

Bem, eis a questão. Dada a natureza incerta da terra de Israel, por que Deus os levaria para lá? Por que não os levar para uma nação ou um lugar um pouco mais seguro? Uma citação interessante de Golda Meir. Ela costumava dizer que, quando Moisés tirou o povo de Israel do Egito e eles atravessaram o Jordão, cruzaram o Vale do Rift indo para o leste, deveriam ter virado para o sul em vez de para o norte.

Eles deveriam ter virado à esquerda em vez de à direita. E a implicação disso é que, pelo menos se Moisés tivesse ido para o sul em vez de para o norte, eles teriam ido a um lugar onde teriam encontrado azeite, em vez do que têm agora. De qualquer forma, a resposta para a pergunta sobre por que Deus os levaria para lá, apesar da natureza duvidosa da terra, é a seguinte.

Israel é, e aqui está o ponto importante a ter em mente, o campo de provas da fé. E isso é do meu bom amigo Jim Monson, que lecionou na Faculdade Universitária de Jerusalém. É o campo de provas da fé.

É preciso ser fiel a Deus para viver lá. É preciso depender constantemente de Deus para a chuva. Já mencionamos isso antes.

Eles precisam de alimento, é claro, que vem da chuva em quantidade suficiente, e também de proteção contra inimigos. O Senhor promete protegê-los tanto de inimigos locais quanto internacionais, se forem fiéis a Ele. E, novamente, gostaria de

me referir a Deuterônimo, capítulos 7 e 11, para mostrar como tudo isso se encaixa, como já lemos anteriormente.

Então, voltando ao mapa e observando esta área que chamamos de Israel. Pode ser que este lugar não fosse a nossa escolha, mas certamente foi a escolha de Deus para os israelitas viverem ali, pelas razões que já mencionamos. É, mais uma vez, o campo de provas da fé.

E com isso, encerraremos esta palestra com uma conversa sobre Israel como “a terra entre”.